

PROFESSOR ANTÓNIO BRANQUINHO D'OLIVEIRA (1904-1983)



António Branquinho d'Oliveira nasceu em Coimbra, no ano de 1904 e faleceu em 1983. Era filho do Dr. José Lopes de Oliveira e de Felismina Branquinho de Oliveira e por conseguinte, sobrinho do Prof. Tomaz da Fonseca e primo do Dr. Branquinho da Fonseca, três insígnias personalidades e figuras destacadas da literatura portuguesa do século passado, naturais de Mortágua, e já evocados em números anteriores da

Agenda Municipal. Era casado com a Dra. Maria de Lourdes Infante d'Oliveira, médica e investigadora.

Foi um aluno distinto em Agronomia, fez o seu doutoramento em Cambridge e realizou importantes trabalhos de investigação sobre a ferrugem alaranjada do cafeeiro. Entre 1942 e 1947 foi professor no Instituto Superior de Agronomia, funções que deixou de exercer por razões políticas. Passou então a trabalhar na Estação Agronómica Nacional onde foi Chefe do Departamento de Fitopatologia até 1972.

Cientista por opção, destacou-se na investigação da doença da ferrugem alaranjada do café, causada por um fungo, que afetou profundamente todas as regiões produtoras de café, muitos dos quais tinham naquele precioso grão a sua principal fonte de riqueza e exportação.

Em 1951, o investigador agrónomo António Branquinho de Oliveira, parente do ditador Oliveira Salazar, foi enviado a S. Tomé e Príncipe para ajudar a combater a doença que atingia os cacauzeiros do arquipélago, mas voltaria de lá com uma série de plantas de café com umas manchas parecidas com ferrugem que começou por investigar no tempo que lhe restava do trabalho habitual.

Os seus estudos levaram-no a fundar em 1955 o Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro, sendo o resultado da ação conjunta dos governos de Portugal e dos Estados Unidos. A ferrugem não tinha ainda sido detetada no continente americano e os EUA estavam preocupados com a instabilidade que a epidemia desta doença poderia causar nesses países, dependentes da cultura do café. As razões para que o Centro fosse estabelecido em Portugal (Oeiras) foram: o facto de o trabalho pioneiro sobre a ferrugem do café ter sido iniciado pelo Prof. Branquinho d'Oliveira e também porque esse tipo de

pesquisa num país não-produtor de café poderia permitir a introdução de amostras infetadas pelo patógeno, sem o risco para a agricultura portuguesa.

O principal objetivo do Centro foi centralizar, por meio da cooperação internacional, a pesquisa à volta daquela doença e eventualmente outras que afetavam a planta do cafeeiro, visando obter variedades resistentes. Desde a sua fundação até ao presente, o Centro tem estabelecido uma rede de conexão com mais de 40 países produtores de todo o mundo, para os quais saem sementes de plantas resistentes à ferrugem, poupando os agricultores e o ambiente aos custos dos pesticidas usados quando a praga se instala para que as colheitas não se percam.

As suas investigações sobre a ferrugem do café levaram-no a deslocar-se a todas as antigas colónias portuguesas, sob a égide do governo português. Também o governo americano o convidou para se deslocar aos Estados Unidos da América, onde lhe foi proposto fixar residência naquele país, com sua mulher. Recusou, argumentando que embora não se identificasse com a política do governo do seu país, no entanto, não trocava a sua pátria por outra qualquer que fosse. Proferiu palestras nas mais prestigiadas universidades europeias e americanas. O reconhecimento do seu trabalho científico, pioneiro e de enorme importância para a economia de vários países africanos e sul-americanos, foram premiados com a atribuição de galardões internacionais em 1956, 1972 e 1975.

Foi professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia e chefe do Departamento de Fitopatologia da Estação Agronómica Nacional.

Além das investigações científicas que lhe valeram muitas homenagens como salvador de uma das mais apreciadas bebidas do mundo, também se dedicou, profundamente, a várias doenças de outros arbustos e plantas associadas a vegetais preciosos. Na sua propriedade na Quinta das Pedras Negras, existia um laboratório de ensaio de plantas para localização de males existentes e viveiros com as mais variadas espécies, onde com a sua esposa, ensaiava diversas teses para a purificação da flora.

Foi um mortaguense mundialmente conhecido, a partir dos anos 50, até pouco depois de 1975, ano em que por motivos de saúde foi obrigado a retirar-se dos meandros da investigação científica e dos estudos continuados sobre as variadas doenças do cafeeiro.

Apesar da sua fama, era um homem de uma discrição, franqueza, humildade e simpatia contagiante no relacionamento com as pessoas, fosse qual fosse a sua condição social. Ninguém passava sem um sorriso ou uma atenção amigável. Curiosamente, a sua aparência física fazia lembrar Albert Einstein, ostentando o mesmo cabelo grisalho e um farto bigode branco. Olhando para a sua fisionomia, sem mais nada sabermos da sua pessoa, dir-se-ia de imediato que só podíamos estar perante um cientista, um homem da ciência.

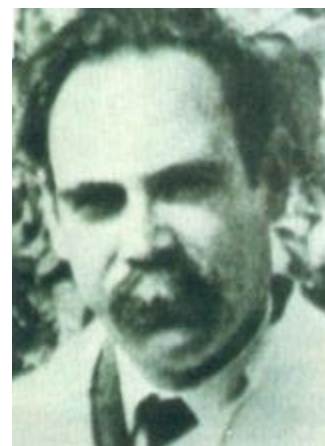
Em sua homenagem, a Sociedade Portuguesa de Fitopatologia estabeleceu em Outubro de 2003 o prémio bienal Branquinho de Oliveira, de âmbito nacional, destinado a distinguir o melhor trabalho final de licenciatura na área da Fitopatologia.

HISTÓRIAS CÓMICAS COM O PROFESSOR

VISITA À BIBLIOTECA

A primeira vez que tive contacto com o Prof. Branquinho foi no dia de Carnaval de 1966.

Frequentava então o 5º ano de Agronomia, na especialidade de Fitopatologia e, para a cadeira de Patologia Vegetal, tinha de fazer um trabalho de pesquisa bibliográfica sobre uma doença do milho. O nosso colega Ascenso Ferreira, que também tinha um trabalho do mesmo tipo para fazer, achou que deveríamos ir à biblioteca do Departamento de Fitopatologia da Estação Agronómica Nacional, Instituição altamente credenciada e onde certamente teríamos oportunidade de encontrar publicações de sobra para realizarmos o nosso trabalho.



Analisámos o calendário e chegámos à conclusão de que o dia que mais nos convinha era o dia de Carnaval, por não termos aulas e ser um dia de semana. Eu ainda aventei a hipótese de a biblioteca estar fechada mas o Ascenso foi peremptório em afirmar que as bibliotecas importantes estavam abertas todos os dias!

De manhã cedo apanhámos o comboio em Alcântara e seguimos para Oeiras. Fomos a pé da estação de comboio até à Estação Agronómica e, com alguma dificuldade, conseguimos encontrar alguém (talvez um guarda) que nos informou onde era o Departamento de Fitopatologia. Tivemos ainda de andar uns bons 20 minutos e, depois de atravessarmos uma pequena ponte, chegámos a umas estufas contornadas por calhas de cimento, cheias com água e destinadas a impedir a entrada de insetos.

Junto a uma dessas estufas, encontrámos um senhor com uns grandes bigodes que limpava a respetiva calha. Respondeu ao nosso cumprimento mas, como nada mais disse, continuámos a marcha. Ao fim de alguns minutos, verificámos que não havia mais ninguém nas imediações e não encontrámos nenhum edifício que nos parecesse ser uma biblioteca.

Então o nosso colega Ascenso disse-me: - Temos de perguntar àquele homenzinho de bigodes, que deve ser o jardineiro, onde é a biblioteca.

Voltámos atrás e o Ascenso disse para o tal senhor dos bigodes:

- Nós somos alunos finalistas de Agronomia e gostávamos de consultar algumas revistas científicas na biblioteca de Departamento de Fitopatologia. Sabe se está cá algum técnico, de preferência engenheiro agrónomo, que nos possa mostrar a biblioteca e indicar onde podemos encontrar as revistas que queremos consultar?

A resposta do senhor de bigodes deixou o colega Ascenso “de queixo caído”: - Eu sou o Chefe do Departamento! Acha que sirvo????

Passámos o resto da manhã a ver a biblioteca que se encontrava numas instalações modestas junto das estufas. Sob indicação do Prof. Branquinho ficámos a saber quais as revistas e livros de maior interesse para realizarmos os nossos trabalhos. Uma afirmação que me impressionou e que recorro frequentemente, foi a seguinte: - Nesta prateleira estão as separatas de Departamento e naquelas três estão as minhas separatas...

CHÁ COM LEITE OU SEM LEITE?

Este foi provavelmente o primeiro episódio cómico protagonizado pelo Prof. Branquinho.

Quando foi para Cambridge fazer o seu trabalho de doutoramento, foi-lhe dito que era costume todos irem tomar chá à tarde.

No primeiro dia em que foi tomar o chá, uma das Senhoras presentes, fez questão de o servir. Depois de lhe colocar o chá na chávena, preparava-se para lhe acrescentar um pouco de leite, à boa maneira inglesa, mas o Prof. Branquinho recusou dizendo: - Not with milk.

Então travou-se o seguinte diálogo:

- You don't like milk?

- I like milk but not with tea.

- And which milk do you like the best?

Aí a coisa complicou-se porque o leite que o Prof. Branquinho mais gostava era o leite de ovelha e naquele momento não se lembrava como se dizia ovelha em inglês.

Depois de pensar um pouco, recordou-se da palavra: EWE.

Então com ar triunfante e apontando para a sua interlocutora exclamou: - Milk of ewe!

É claro que a sua exclamação não soou como «milk of ewe» mas sim como «MILK OF YOU»!

A senhora parou a conversa, retirou-se discretamente e muito provavelmente evitou posteriores conversas com o “atrevido” doutorando português...

AGARRA QUE É LADRÃO

Para dar as suas aulas no ISA, o Prof. Branquinho deslocava-se muitas vezes de elétrico. Numa dessas deslocações, com o elétrico apinhado, um gatuno conseguiu tirar um cordão de ouro a uma das passageiras que, no entanto, deu pela falta logo de seguida e gritou: - Roubaram-me o meu cordão! Roubaram-me o meu cordão!

Estava um polícia no elétrico e imediatamente gritou: - Ninguém sai do elétrico sem o cordão desta senhora aparecer!

O polícia começou então a pedir às pessoas para mostrarem o que tinham nos bolsos e o gatuno, para não ser apanhado, colocou o cordão num dos bolsos do casaco do Prof. Branquinho.

Quando o polícia pediu para mostrar o que tinha nos bolsos, o Prof. Branquinho perguntou-lhe: - Acha que tenho cara de gatuno?

O polícia só disse: - Faça o favor de me mostrar o que tem nos bolsos!

Então o Prof. Branquinho tirou vários papéis, chaves, canetas, etc. e, no fim, aparece o cordão de ouro! Ouviu-se logo uma voz feminina gritar: - É este! É este o meu cordão!

O episódio acabou na esquadra de polícia onde pela documentação exibida ficou provado que o preso não era um gatuno mas sim um Professor do Instituto Superior de Agronomia!!!

O SÓCIO...

Era costume o Prof. Branquinho deslocar-se ao Terreiro do Paço para falar diretamente com as individualidades que superintendiam nos assuntos da agricultura porque os problemas colocados por escrito só tardiamente ou nunca eram resolvidos.

Numa dessas deslocações foi informado que a pessoa com quem queria falar só o poderia receber dali a uma hora. Então, o Prof. Branquinho foi até ao cais das colunas e ficou a olhar o rio Tejo, talvez a pensar como iria apresentar os problemas que queria ver solucionados.

Eis senão quando, reparou que um homem esbracejava furiosamente no rio e se aproximava muito lentamente do ponto onde ele estava. Achou que seria alguém que tinha caído ao rio e não sabia nadar. Como encontrou nas proximidades um pedaço de corda, imediatamente tentou socorrer o indivíduo, lançando-lhe a corda e dizendo para se agarrar bem de forma a que o pudesse puxar.

Quando o salvamento estava a ser consumado, ouviram-se alguns apitos. Apareceram vários polícias que agarraram os dois intervenientes e levaram-nos para a esquadra. Um dos polícias, apontando para o Prof. Branquinho, exclamou: - Este deve ser o sócio!

O homem que o Prof. Branquinho supunha ter caído ao rio não era mais do que um gatuno que a polícia tinha perseguido até ao Cais do Sodré e que se atirara à água para fugir, indo a nadar até ao cais das colunas.

UMA AVENTURA NA ARRÁBIDA

Pouco tempo depois de iniciar o meu trabalho de estágio no Departamento de Fitopatologia da Estação Agronómica Nacional, verifiquei que estava pendurado na biblioteca um rabo de lagarto.

Perguntei porque tinham aquele estranho objeto ali pendurado e a Dr.^a Teresa Lucas, micologista do Departamento, disse-me que era uma recordação de uma curiosa peripécia protagonizada, como não podia deixar de ser, pelo Professor Branquinho.

Num belo dia, o Prof. Branquinho resolveu ir até à serra da Arrábida para colher material. Convidou algumas das Senhoras que trabalhavam no Departamento para irem também, com vista a perfazer-se a lotação do carro da Estação Agronómica. Quem conduzia a viatura era o Sr. Cabaço, motorista da Estação Agronómica que habitualmente era destacado para estas viagens.

Ao chegarem à Arrábida, o Prof. Branquinho imediatamente se aventurou pelas escarpas da serra, com o entusiasmo que lhe era peculiar, enquanto as Senhoras que o acompanhavam se mantiveram junto à estrada a observar as plantas das bermas. O Sr. Cabaço permaneceu sentado na viatura, a dormir.

Ao fim de algum tempo, ouviu-se uma voz a gritar: - Sr. Cabaço! Sr. Cabaço!

Imediatamente todos reconheceram a voz do Prof. Branquinho e correram para o local de onde os gritos vinham. Viram então o Prof. Branquinho com as duas mãos a segurarem qualquer coisa junto de uma das virilhas.

A Dr.^a Teresa Lucas que também estava presente confidenciou-me: - Quando vimos o Prof. Branquinho naquela situação, ficámos “para morrer” pois não fazíamos a mínima ideia do que se estava a passar. E ainda ficámos mais espantadas quando o Prof. Branquinho gritou: - Minha Senhoras! Saiam já daqui porque vou tirar as calças!

Quando todas as senhoras se retiraram, o Prof. Branquinho, ajudado pelo Sr. Cabaço, tirou as calças e dentro delas estava um enorme lagarto que lhe tinha subido por uma das pernas e que o Prof. Branquinho segurava com firmeza.

O lagarto foi morto e o rabo guardado como recordação desta emocionante aventura...

OUTRA AVENTURA NA ARRÁBIDA

A serra da Arrábida era o local de eleição do Prof. Branquinho e foi o local que escolheu para levar duas fitopatologistas brasileiras que visitaram a Estação Agronómica Nacional.

Ao chegarem à Arrábida o Prof. Branquinho logo se aventurou a subir pela serra, esquecendo-se que as suas acompanhantes eram muito mais jovens e tinham mais energia para subirem as escarpas da serra.

Aconteceu, por isso que, ao fim de uma longa caminhada, as duas jovens fitopatologistas não denotavam à chegada quaisquer sinais de cansaço, enquanto que o Prof. Branquinho transpirava em bica.

Quando todos se juntaram para regressarem, o Prof. Branquinho, ignorando completamente as diferenças de significado de algumas palavras em Portugal e no Brasil, exclamou: - Safa! Estas duas raparigas são danadas para trepar!

As duas fitopatologistas brasileiras ficaram estupefactas com o que ouviram e, uma delas, disse para o Prof. Branquinho: - Fique sabendo que nós não somos raparigas e também não trepamos!

O CUCO

Este episódio, segundo creio, passou-se em Abril de 1968, e tive o prazer de assistir a ele presencialmente, uma vez que já estava a trabalhar no Departamento de Fitopatologia da Estação Agronómica Nacional, como estagiário.

Uma manhã, o Prof. Branquinho veio chamar os técnicos e estagiários que trabalhavam no Departamento para verem um novo hospedeiro que ele tinha descoberto para a ferrugem do cafeeiro, doença que estava a estudar e que constituía um grave problema da cultura do café em vários países tropicais. Juntou um grupo de umas dez pessoas que o acompanharam até à estufa onde tinha as plantas inoculadas.

Durante o percurso começou a cantar um cuco com o seu habitual cu-cu, cu-cu, cu-cu... Imediatamente o Prof. Branquinho nos mandou calar e parou para escutar o cuco. No fim disse: - Cinco!

Então explicou-nos que na terra dele, sempre que um cuco começava a cantar, as raparigas solteiras paravam para contarem o número de vezes que o cuco cantava e esse número corresponderia ao número de anos que faltavam para se casarem.

Depois da explicação, uma colega que ia no grupo perguntou:

- Professor Branquinho, não percebo bem como é que as raparigas fazem a contagem. O que é que corresponde a um ano? É um cu-cu ou é um cu?

O Prof. Branquinho tentou conter o riso, mas não conseguiu e houve uma gargalhada geral...

Fonte: <http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/1023371.html>

www.cm-mortagua.pt/modules.php?name=Sections&sop=viewarticle&artid=59

http://noticias.sapo.pt/nacional/artigo/os-melhores-segredos-do-mundo-es_4490.html

